



A zona velha
de Chefchaouen
e ao lado
uma pista perto
de Rissani

MARROCOS

ESTE PAÍS TAMBÉM É PARA FAMÍLIAS

QUE MARROCOS É UM PAÍS PERFEITO
PARA GRANDES VIAGENS DE JIPE E DE MOTO JÁ QUASE TODA
A GENTE SABE, MAS MUITOS AINDA OLHAM COM DESCONFIANÇA
NA HORA DE FAZER UMA VIAGEM EM FAMÍLIA. NADA HÁ
A TEMER, BEM PELO CONTRÁRIO. EIS O RELATO (FELIZ)
DE UMA VIAGEM EM FAMÍLIA.



TEXTO E FOTOGRAFIA
DE LUÍSA PEREIRA E RUI LEITÃO



VOLTA AO MUNDO

MARROCOS AO ALCANCE DE UM CLIQUE

As medinas, o deserto, as cidades imperiais, os costumes e a gastronomia. Tudo isto e muito mais em quatro programas de TV sobre o reino do norte de África, com a chancela da Volta ao Mundo, que pode ver em voltaaomundo.pt/categoria/vmtv/



Chefchaouen
fica numa
das vertentes
das montanhas
do Rife e destaca-se
pelo azul
das suas casas.
Na página ao lado
o Porto de Tanger.

EM MARROCOS «QUASE
TUDO É NEGOCIÁVEL:
ESTACIONAMENTOS,
REFEIÇÕES EM
RESTAURANTES,
QUARTOS DE HOTEL»,
CONFIDENCIA-NOS,
MAIS TARDE, OTTOMAN.
«FAZ PARTE DA NOSSA
CULTURA.» QUASE
TUDO «MENOS A ÁGUA
E A COCA-COLA».

Ele, rapaz magro de face escura, responde do lado de lá de uma banca na marginal de Tanger: «Cent dirhams.» A Rita sussurra algo à Inês e ela responde com uma oferta de trinta: «Non, c'est peu. Soixante.» Ela sobe para cinquenta, ele aceita dizendo-lhe com um meio sorriso que estava difícil, que pareciam negociantes berberes. Retribuem o meio sorriso, trazem as dez pulseiras de pele e despedem-se: «Shukram.» Em Marrocos «quase tudo é negociável, estacionamentos, refeições em restaurantes, quartos de hotel», confidencia-nos, mais tarde, Ottoman. «Faz parte da nossa cultura. Quase tudo menos a água e a Coca-Cola.» Por isso é preciso estar-se preparado para esta espécie de jogo que nos acompanhou durante toda a viagem. A Rita e Inês, adolescentes, não só pareciam preparadas para jogar como adoravam isso, muito mais do que nós, adultos.

Setivéssemos de escolher algo que marcou esta nossa viagem, seguramente a arte de negociar

seria uma delas. Isso e o nascer do Sol sentados nas dunas de Erg Chebbi.

DIA 1 DE TARIFA A TÂNGER

Quisemos que a entrada no país fosse feita por Tânger, vindos de Tarifa no ferry das 21 horas, o último do dia. As formalidades de entrada no porto de Tarifa foram breves, um olhar atento aos passaportes e seguimos. Uma hora para cruzar as 21 milhas de mar que separam estes dois pontos, quarenta minutos no porto de Tânger para tratar das formalidades alfandegárias, e estávamos prontos para conduzir no trânsito um pouco caótico da marginal Mohammed VI, em direção ao hotel que seria o ponto de partida para a nossa *roadtrip*.

Descemos de imediato à marginal, apenas para jantar e caminhar um pouco, uma vez que o objetivo era deixar a visita à maior cidade do norte para uma próxima viagem. Todos os amigos que conhecem bem o país garantiram-nos que haveria uma próxima vez. Que voltaríamos.

No dia seguinte acordámos ao som da chamada para a oração, subimos a rua e entrámos no Café La Grande Poste, onde tomámos o melhor



pequeno-almoço de toda a viagem. Enquanto procurávamos o edifício da Maroc Telecom para comprar um cartão marroquino, a Rita e a Inês não resistiram a regatear duas *djellabas* expostas numa das montras. O *dress code* para a viagem.

DIA 2 DE TÂNGER A CHEFCHAOUEN 140 QUILOMETROS, 3 HORAS DE VIAGEM

Na hora de definir um trajeto, mais importante do que os quilómetros a percorrer é o tempo estimado do percurso. É uma das coisas que se aprende em Marrocos. A maioria das estradas são boas, mas o facto de terem quase sempre uma só via para cada lado e o número de camiões que circulam obrigam a ter paciência e a andar sem pressas. Isso e os numerosos controlos policiais – contámos cinquenta durante todo o percurso. Basta cumprir a sinalização, respeitar os limites de velocidade, seguir as indicações dos agentes da autoridade e ter alguma atenção ao entrar nas localidades que não haverá problemas.

Chegámos a Chefchaouen com enorme vontade de sermos absorvidos pelo azul característico da cidade. Almoçámos na esplanada do café

Ahmamou, com vista sobre a parte baixa, antes de subir à medina e concluir aquilo que já adivinhava: caminhar por aqui é quase mágico. A cor do artesanato misturado com o azul das ruas deixou-nos com vontade de andar sem rumo. Uma medina pequena, se bem que também aqui é fácil perder a noção de onde estamos, dada a configuração das ruas, estreitas, intermináveis, o fim de uma é sempre o início de outra.

A meio da tarde descemos até às pequenas cascatas de Ras el-Ma, onde a água refresca laranjas e banhistas. Subimos até Bab al-Ansar – com vista magnífica sobre a cidade, em especial ao entardecer – e jantámos *tagine* de frango e *cafta* na Praça Uta el-Hammam, onde se misturam cheiros intensos, sons de músicos e luzes do *souk* onde tudo se vende.

DIAS 3 E 4 DE CHEFCHAOUEN A FEZ 295 QUILOMETROS, 3 H 30 DE VIAGEM

De manhã dizemos adeus ao azul da cidade e seguimos rumo a sul, com uma pequena paragem em Ouezzane, numa das muitas «mercearias» de rua, onde um marroquino, curioso por ter



EM FEZ, A SENSACÃO É DE CONFUSÃO. CÂRROS, GENTE, COMÉRCIO, VENDEDORES, MOTORETAS, BURROS. CORES E CHEIROS, TUDO É INEBRIANTE E CONFUSO.



percebido que éramos portugueses, nos perguntaram o que fazemos por ali. Contamos que estamos a caminho de Fez e simpaticamente dá-nos um conselho: «Se quiserem comprar tecidos ou artesanato façam-no por aqui, que é um terço do preço.» A entrada em Fez faz-se por grandes e largas avenidas. No início a sensação é de confusão. Carros, gente, muita gente, comércio, vendedores ávidos de conseguir o próximo cliente,

motoretas e burros por todo o lado. Seguimos o conselho de amigos e ficámos num *riad* na zona nova. Algumas horas de descanso depois temos o guia à porta, Abdul. É o ideal para conhecer a maior medina do mundo sem nos perdermos. Negociado o preço, lá fomos em direção às sete portas de bronze do Palácio Real, que representam os sete dias da semana e os níveis da monarquia. Seguiram-se o bairro judeu de Mellah e,

Fes el-bali, a cidade antiga, Património da Humanidade. Cerca 1200 anos, 14 quilómetros de muralhas e 14 portas de entrada. Foi aqui que a nossa verdadeira aventura começou. A imensidão de gente, as cores, os cheiros, tudo é inebriante e confuso. Palácios, fontes, mesquitas, madraças, bibliotecas, *hamman* e comércio, muito comércio, há de tudo. Não há sentido de orientação que nos valha.

Na página ao lado: A porta central do Palácio Real em Fez e o interior de uma das lojas de tecidos dentro da Medina.

Em cima as bancas e as ruas estreitas da Medina de Fez. Em baixo, subindo ao Borj Nord, o Forte do Norte, tem-se uma vista panorâmica sobre toda a cidade.

Abdul leva-nos a ver a Universidade Al Quarauiyine – a mais antiga do mundo, fundada por Fatima al-Fihri no ano 859 –, a mesquita, a madraça Bou Inania, a Praça Nejjarine e faz-nos entrar numa loja de peles, onde subimos a um terraço com uma fabulosa vista para os tanques onde se prepara e tingem os curtumes. O odor é intenso, demasiado intenso, e apesar das folhas de hortelã espalhadas pelo chão a Rita quase não aguenta.

Mashá mais para ver. A maioria das lojas faz pequenas demonstrações dos produtos que vendem e é, de facto, difícil sair sem nada, não só pela insistência destes negociadores como pela beleza dos artigos. Há que estar preparado para ambas. Nós que (ainda) não estávamos preparados nem para uma coisa nem para outra trouxemos um tapete, uma lanterna e um banco de pele. Negociados pelas duas mais novas, é claro. Mas valeu a pena.





Piscina do Kasbah La Rose du Desert. Em Baixo, a sala do Berber Camp perto de Merzouga e o acampamento nas dunas de Erg Chebbi

CHEGAMOS AO BERBER CAMP, EM MERZOUGA. TRÊS BEREBERES LEVAM-NOS A UM GRUPO DE CAMELOS QUE NOS TRANSPORTARÁ ATÉ AO ACAMPAMENTO NAS DUNAS DE ERG CHEBBI.



Na manhã seguinte, continuámos por entre ruas estreitas e padarias milenares, cooperativas de produção de *hena* e de óleo de argan. Fomos convidados a entrar numa escola corânica e a cantar com os seus alunos.

DIA 5 DE FEZA A ARFOUD 412 QUILOMETROS, 8 HORAS DE VIAGEM

Com Fez a sessenta quilómetros para trás, começamos a subir o Médio Atlas e entramos numa imensa floresta de cedros. No cimo está a pequena cidade de Ifrane, a «pequena Suíça», como lhe chamam. Uma estância de esqui a 1700 metros de altitude com arquitetura alpina, diferente de tudo o que vimos ao longo de toda a viagem. Organizada, verde, luxuriante. Saímos pelo Parque Natural de Ifrane, onde nos cruzámos com macacos à beira da estrada. Sim, é verdade.

Perto de Errachidia a paisagem começa a mudar. O caminho para o deserto leva-nos por oásis de palmeiras e tamareiras. O destino é Arfoud, onde chegamos duas horas depois

do previsto, traídos pelo Maps.me, que previa uma viagem de seis horas. Apesar de ser de madrugada o tempo mantém-se muito quente, o carro marca 37 graus, e só a piscina da Kasbah La Rose du Desert nos dá algum descanso antes de um merecido sono. Mas não sem antes nos ser servido um tradicional chá de menta acompanhado de uns maravilhosos bolinhos de amêndoa.

Foi aqui que na manhã seguinte conhecemos Ottoman, o simpático marroquino, dono do La Rose, que nos deu uma lição na arte de negociar. Mais uma. É também ele que nos aconselha a ficar por ali e seguir para Merzouga só ao final da tarde, com tempo menos quente. Aceitamos. Como no La Rose não servem almoços, ofereceu-se para nos levar a uma aldeia perto onde, segundo ele, fazem os «melhores kebabs de Marrocos». Pelo caminho fala-nos da montanha de Gara Medouar, no meio do deserto, que terá sido utilizada pelos portugueses como fortaleza. Não há grandes certezas sobre o assunto. Certo certo é que foi por ali filmada a melhor cena do filme *007 Spectre*. Isso e a qualidade dos kebabs.

DIA 6 DE ARFOUD A MERZOUGA 60 QUILOMETROS, 1H30 DE VIAGEM

Ao final da tarde as temperaturas ainda rondam os 50 graus, tornando a viagem difícil. Muitos litros de água depois chegamos ao Berber Camp, em Merzouga. Temos três bereberes à espera para nos levar até junto de um grupo de camelos que nos transportará até ao acampamento no meio das dunas de Erg Chebbi.

A viagem dura uma hora. Maravilhoso o entardecer no deserto. É quase impossível descrever a cor desta areia. Já no acampamento assistimos ao pôr do Sol enquanto bebemos um chá de menta. A noite chega e o céu estrelado é a nossa companhia ao jantar. O céu, três bereberes e um casal de franceses. Segue-se um serão com música e dança e uma boa noite de sono sobre chão coberto de tapetes, na tenda. Ou fora da tenda, junto da areia.

O despertar é às seis. Subimos a duna com algum frio e uma leve tempestade de areia.



A viagem em camelo até ao acampamento durou cerca de uma hora.

Todos a postos, para assistir ao «ponto alto» da viagem, o nascer do Sol. Aqui não há como descrever.

DIA 7 DE MERZOUGA A OUARZAZATE 370 QUILOMETROS, 8 HORAS DE VIAGEM

Em Rissani decidimos partir à descoberta da Gara Medouar, a tal «montanha redonda feita fortaleza por portugueses». Seguimos as indicações do nosso amigo Ottoman e entramos numa pista de areia batida marcada por pedras. Avistamos ao longe o que nos parece ser «a tal montanha» e vamos ao seu encontro. Ali não há GPS que nos ajude. Alguns quilómetros depois vemos alguém vestido de azul montado numa bicicleta. Vem na nossa direção pelo meio da areia. Esperamos. É um berebere, Hassan. Anda pelo deserto à procura de fósseis. Veio para nos mostrar o seu trabalho na esperança de comprarmos algo. Foi bem-sucedido.

Feito o negócio, em espanhol, dizemos-lhe do que andamos à procura. Sorri e diz-nos que estamos enganados, que fica para o lado oposto. Tenta mostrar-nos o caminho no meio do nada, avisa-nos que temos de ter algum cuidado na pista que escolhermos para lá chegar até que, por fim, encosta a bicicleta a umas pedras e diz-nos «eu levo-os lá».

É uma montanha de um redondo quase perfeito, pousada no meio do nada. A história que nos conta Hassan é a mesma, que chegou a ser um antigo reservatório de água, mas depois os portugueses fizeram dela fortaleza onde guardavam escravos vindos da África negra.

De volta à estrada, seguimos em direção a Tinghir, passámos pelas gargantas do Todra, um imenso maciço rochoso que parece pronto a engolir-nos. É rasgado pelo rio com o mesmo nome, onde águas límpidas e frescas servem de praia fluvial.

Perto de Ouarzazate, somos surpreendidos pela chuva, que cai com alguma intensidade. De repente a estrada é atravessada por cursos de água de tons avermelhados. A cor da paisagem. As construções são em forma de *kasbah*, uma espécie de forte de argila e palha.



DIA 8 DE OUARZAZATE A MARRAQUexe 215 quilómetros, 7 horas de viagem

Ouarzazate tem atraído muitas equipas de filmagem, graças à geografia, ao clima e à segurança. Pela manhã visitámos o Atlas Studio, onde são mantidos os cenários de diversos filmes e séries aqui rodados – como *Gladiator*, *Astérix e Obélix*, *A Paixão de Cristo* ou *Prison Break*. O kasbah de Taourirt é outro dos pontos obrigatórios. Perdemo-nos nos corredores de acesso aos seus trezentos quartos e passeámos pelas antigas cozinhas, hoje galerias de artesanato.

Almoçámos a caminho de Ait-Ben-Haddou, Património da Humanidade, o mais famoso kasbah de Marrocos, mundialmente conhecido depois das filmagens de partes de *A Guerra dos Tronos*.

O acesso faz-se a pé por uma ponte pedonal ou pelo curso do rio, quando o caudal o permite. Fomos pela ponte até ao ponto mais alto e nem a chuva que voltava a cair nos impediu de admirar o cenário. Incrível como aquele tipo de arquitetura ainda se mantém após oito séculos.

Seguimos para Marraquexe, já ao final de tarde, e perdemos a possibilidade de fazer de dia a tão maravilhosa (e perigosa) estrada do Alto Atlas. Oitenta quilómetros em quatro horas.

DIA 9 MARRAQUexe

A expressão «caos no trânsito» deve ter nascido por estas bandas. Circular em sentido contrário, motos a fazer tangentes, burros e carroças a vir não se sabe de onde... no entanto, toda a gente se orienta e segue o seu caminho.

Dentro da medina, a situação é mais calma. Mas primeiro fomos respirar pelos jardins Majorelle, junto ao recente Museu Yves Saint Laurent, que ali viveu. Tem mais de três mil espécies botânicas que contrastam com o azul dos edifícios. Segue-se a procura pelo Riad L'Aziza, que tínhamos reservado. E mais uma vez... perdidos. Mesmo com ajuda do Maps.me não foi fácil. Ficava num beco,



Em cima, Gara Medouar, a "Fortaleza Redonda", ao lado, centro de Ourzazate.



Terraço do Palácio de Ait-Ben-Haddou, Património da Humanidade.

CONDUZIR EM MARROCOS? TOME NOTA

A revista *Volta ao Mundo*, especialista em viagens desde 1994, sugere:



Primeiras paragens:

depois de sair do porto de Tânger, passe por um banco para levantar/trocar dinheiro. Depois disso, pela bomba de gasolina para atestar o depósito. O ideal é chegar a Marrocos com o carro na reserva. A diferença de preços compensa. Não compre combustível à beira da estrada: os motores não estão preparados para a diferença de qualidade.

Estacionamento:

estacionar perto dos centros históricos não é fácil. Os veículos entram nas medinas, daí existirem parques de estacionamento não oficiais, geridos por homens vestidos com batas azuis. Um euro pode ser suficiente para garantir a segurança do seu veículo durante toda a noite.

Leve na bagagem

dois pneus suplentes. Um pode não chegar, tal a dureza de alguns troços.

Documentos: passaporte (com pelo menos três meses de validade), documento único automóvel (fotocópias de tudo isto), seguro com extensão para Marrocos (basta solicitar na seguradora) e declaração do proprietário da viatura (caso não seja o próprio), em francês, a autorizar a circulação no país.

VOLTA AO
MUNDO



Pátio interior do Riad L'Aziza e rua na medina de Marraquexe. Em baixo os jardins interiores do Palácio El Badii

O PALÁCIO DE EL BADI
FOI ERGUIDO PARA
CELEBRAR A VITÓRIA
EM ALCÁCER-QUIBIR,
COM O DINHEIRO
DO RESGATE PAGO
PELOS PORTUGUESES.



que por sua vez desembocava numa rua que iniciava num túnel. E por aqui o exterior raras vezes revela o que está por detrás de muros. Com a ajuda de umas crianças que estavam na rua lá chegamos ao alojamento, a troco de algumas moedas. A cortesia, especialmente nas grandes cidades e nos sítios com mais turistas, raramente se faz de forma gratuita. Valeu a pena, mais uma vez. Um luxuriante pátio interior e um terraço no topo do edifício onde se via grande parte da medina com a Mesquita Kutubiya ao fundo. A imersão aqui é total.

No entanto, a experiência só fica completa com a nossa saída ao cair da noite para o mais famoso mercado da cidade, a Praça Jemaa el-Fna. Desde os pregões dos vendedores – que quase se atropelam para nos conseguir cativar ora para beber um sumo de frutas, ora para nos sentarmos nos restaurantes, que mais não são do que meras tendas improvisadas no meio do mercado, parecemos dentro de turbilhão. Inebriante. «Sem diarreias há mais de cinco anos», diz-nos um miúdo apontado para os sumos. Não resistimos uma vez mais aos *cocktails* de frutos e cometemos a loucura de provar uma taça de caracóis. Muito bons. Andámos pelo centro do mercado onde há de tudo, mas o que mais nos surpreendeu os sentidos foi percorrer as ruelas e deliciarmos o olhar com as bancas de especiarias e de fruta e as lojas de vestidos de noivas.

A noite de Marraquexe tem de certeza muito mais para explorar, mas tínhamos de ficar por ali.

DIA 10 DE MARRAQUexe A TANGER 575 quilómetros, 6 horas de viagem

Deixámos a visita ao Palácio El Badii para a despedida, em tempos o palácio mais sumptuoso de Marrocos, mandado construir para celebrar a vitória do Sultão al-Mansur na Batalha de Alcácer-Quibir. Construção financiada pelo resgate pago pelos portugueses. Hoje só restam apenas

as paredes exteriores e ruínas, mas percebe-se a sua dimensão gigantesca. Depois foi apanhar a autoestrada com destino a Tânger, com direito a um último percalço. Chegados às portagens, o senhor diz-nos que não aceitam cartões nem euros. E nós sem dirhams. Com alguma paciência aceitamos euros e pudemos regressar a casa, com a certeza de que voltaremos. ●

